

Subárea: 7.05.99 - História

VOZES DA SUBALTERNIDADE: MULHERES NO TRABALHO DOMÉSTICO INFORMAL

OLIVEIRA, Ana Carla de¹, BALLER, Leandro².

1. Estudante da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Curso: História (Licenciatura)
2. Professor da FCH-UFGD - Departamento de História/Orientador

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de socializar os resultados de uma pesquisa historiográfica sobre mulheres que trabalham ou já trabalharam informalmente como domésticas e/ou diaristas em Dourados, MS entre 1980 e 2018. Diante disso nossa perspectiva está voltada para a compreensão da realidade dessas personagens históricas levando em consideração o pensamento *pós-colonial e pós-moderno*. Cabe ressaltar que a discussão aqui proposta não implica questões sobre gênero, mas sim sobre os “mundos do trabalho”. Buscamos compreender os conflitos existentes na organização do trabalho informal exercidos por essas mulheres subalternizadas por condicionamentos sociais assim como os conflitos que derivam dessas relações que se dão no âmbito da informalidade e as “*epistemologias do sul*”, uma chave conceitual criada pelo intelectual Boaventura de Sousa Santos e que nos permite compreender aspectos do sul subalternizado pelas relações de poder nas variadas esferas sociais.

Palavras-chave: Mulheres domésticas; Pensamento pós-colonial; Mundo do trabalho informal;

Introdução

A presente pesquisa sobre mulheres no mercado de trabalho informal é uma construção temporal mediada por sensibilidades. O Sul¹ é determinante nessa discussão, ou melhor, ele pode ser percebido através de vários aspectos. A *mulher* pode ser o sul dessa discussão; *Dourados*, Sul do Mato Grosso do Sul pode ser analisado pela perspectiva da Epistemologia de Sousa Santos e por fim a própria *atividade informal* realizada por essas personagens históricas podem ser o sul da análise. Sousa Santos ressalta que devemos “sulizar” a construção de conhecimentos e esse processo só é possível a partir do momento em que buscamos compreender e aprender com o sul caracterizado pela subalternidade, pelo silêncio e esquecimento. Segundo Boaventura de Sousa Santos o apelo em aprender com o sul, é entender o sul como uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo. Buscamos visualizar o trabalho dessas personagens a partir da subalternidade, ou melhor, da sua “condição de sul”.

As relações estabelecidas por mulheres no mercado de trabalho doméstico informal se tornam invisíveis e a construção dessa invisibilidade pode ser compreendida dentro do pensamento abissal, outro conceito construído por Boaventura de Sousa Santos e que está relacionado à perspectiva de se aprender com o sul. As *abissalidades* hierarquizam e tornam invisíveis práticas e saberes que não representam a dominação colonial. Essas abissalidades marcam as realidades vivenciadas por essas mulheres que por representarem o “outro lado da linha”, ou ainda, a base da pirâmide deixam de existir, ou melhor, se tornam invisíveis, não de forma natural, mas através de uma construção histórica, ou seja, essas mulheres são objetos de invisibilidades construídas socialmente.

O diálogo com essas mulheres se tornam imprescindível para compreendermos como elas se inseriram nesse mercado e quais relações estabelecem no interior dele. As pesquisas que buscam pensar a mulher no mercado de trabalho informal colaboram positivamente não só para conhecermos um pouco mais sobre esse grupo social específico, mas também para compreendermos as variadas relações que vem sustentando o setor informal ao longo do tempo.

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando trabalhos que tratam sobre o trabalho informal no Brasil e sobre a mulher no mundo do trabalho informal, como livros, teses, dissertações e outros estudos acadêmicos. Em um primeiro momento fizemos o levantamento historiográfico, e já num segundo momento iniciamos o levantamento das fontes. O tema em

¹ O Sul aqui referido é o “Sul Epistemológico” criado por Boaventura de Sousa Santos.

questão aproximou um diálogo entre literaturas pós-coloniais por meio das quais pudemos visualizar melhor as ações e relações das epistemologias no interior da análise das fontes oferecidas pela história oral (entrevistas).

A história oral é um tipo específico de metodologia da pesquisa histórica, ou seja, é “como” a pesquisa está sendo realizada. Em *“memória, esquecimento e silêncio”*, Michael Pollak (1989) trabalha com a noção de memória para além das lembranças do passado. De acordo com o autor que traz uma discussão pensando sobre os sobreviventes dos campos de concentração na Europa, a memória é selecionada e negociada e faz parte de um enquadramento que segundo ele: “Se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências.” (POLLAK, 1989, p. 07).

Compreendemos a História Oral como um campo de conhecimento específico e não simplesmente como uma ferramenta ou um suporte metodológico na pesquisa historiográfica. De acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a história oral, contudo é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. (p. 17). O autor ainda destaca que ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como viva.

Ou seja, as memórias de mulheres com experiências no mundo do trabalho doméstico informal, são discursos mediados, construídos e transformados como qualquer outro discurso. Uma discussão bastante interessante sobre teoria e metodologia na pesquisa histórica é trazida por José D’ Assunção Barros. O autor ressalta que a teoria e o método são os dois alicerces do trabalho historiográfico e destaca a importância das fontes e do método historiográfico:

Sem fontes históricas não há caminho possível para que um historiador atinja determinada realidade ou processo histórico que pretenda examinar, ou, tampouco, não surge a possibilidade de reformular uma visão do passado em função de questões do presente. Na base do método historiográfico, encontra-se certamente a fonte histórica, material do qual deverá partir o historiador. Contudo, nos dias de hoje, o método e a base empírica devem interagir ativamente com a teoria, pois caso contrário não se teria uma história problematizada. (BARROS, 2010, p. 60).

O suporte teórico muitas vezes leva a escolha de métodos mais adequados para a pesquisa histórica como destaca Barros. Uma produção historiográfica do tempo presente que se propõe pensar a mulher no mercado de trabalho informal na perspectiva das *epistemologias do sul* e de estudos pós-coloniais caminha em direção a metodologia da história oral que possibilitou a construções das fontes orais utilizadas na pesquisa.

Resultados e Discussão

O trabalho doméstico é uma das ocupações mais antigas de trabalho assalariado segundo Paulo Angelin e Oswaldo Truzzi (2015) e apresenta características muito peculiares, que a autora Jurema Brites (2000) as definiu como de *afeto, desigualdade e rebeldia*. As relações estabelecidas entre patrões e empregada doméstica são desiguais porque são hierárquicas, mas essa estratificação foi naturalizada por processos histórico-sociais. São relações que apresentam suas complexidades principalmente pelo fato de serem subjetivas e se darem no âmbito privado.

As mulheres domésticas ou diaristas na informalidade não fazem parte da história institucional e nem de uma história sobre o poder como na história política. Essas mulheres são personagens históricas subalternizadas pela narrativa histórica. Ao mesmo tempo, elas constituem um grupo específico de mulheres com práticas discursivas próprias o que as diferenciam dos demais grupos sociais elitizados pela historiografia.

O quadro de colaboradoras ou entrevistadas aqui apresentado é composto por seis mulheres que tiveram experiência como domésticas no mercado de trabalho informal na cidade de Dourados, MS entre 1980 e 2018. Alice de Oliveira Ferreira, Angela Maria Borges de Oliveira, Adélia Soares Borges Silva, Aparecida Borges de Oliveira Alencar, Anália de Oliveira e Ivanir Ferreira Batista² são exemplos de mulheres que se inseriram no mercado de trabalho informal por consequência das condições precárias de vida que as acompanham desde a infância.

Percebemos que cada uma dessas mulheres (re) significam o mundo do trabalho doméstico informal. Mesmo ressaltando os aspectos negativos de estarem inserida no mundo do trabalho informal, a todo momento elas procuram validar suas atuações no mercado de trabalho. Em seus discursos a questão da informalidade fica à margem diante da centralidade que essas mulheres dão para outros aspectos das relações que elas estabelecem no ambiente do trabalho doméstico. Ou seja, o fator da informalidade aparece, mas não possui um lugar específico em seus discursos.

² Estas mulheres fazem parte do quadro de entrevistadas. As entrevistas começaram a ser realizadas a partir do mês de dezembro de 2017 e foram concluídas em março de 2018.

Lidamos com a narrativa dessas mulheres como uma produção que não reproduz uma realidade fidedigna, mas sim, uma definição que essas personagens deram tendo como referência suas próprias vivências. Elas falam de suas experiências no mundo do trabalho um processo por si subjetivo que está intrinsecamente associado as suas histórias de vida e mesmo ao seu cotidiano.

Percebemos que o trabalho doméstico informal apresenta um sistema de relações muito específico na qual a subjetividade ocupa uma centralidade. Essas mulheres trabalham para suprirem suas necessidades financeiras, ou melhor, para sobreviverem. A “revolta” é algo quase inexistente no discurso dessas mulheres, elas parecem conformadas com suas realidades e a consequente condição de subalternidade. O ambiente de atuação dessas mulheres é privado, esse fator favorece os contatos mais íntimos e intensos.

Compreendemos diante disso que as relações informais extrapolam os limites contratuais. Negociam, combinam, ajudam, recebem ajudas e etc. Reunir todos os aspectos dessas relações informais seria impossível nesse momento até porque fica claro nas falas dessas mulheres que são relações marcadas por subjetividades e que não possui um padrão fixo. A possibilidade de remodelação das relações principalmente no tocante às negociações de responsabilidade responde de forma positiva à realidade da “mulher polivalente”, uma construção da contemporaneidade.

Conclusões

Concluimos que os nomes que aparecem ao longo dessa pesquisa referenciam mulheres subalternizadas por uma construção histórica que marcou o processo de transformação dos “mundos do trabalho”, e elas são os reflexos dessas transformações e protagonistas do “mundo dos subempregos”, o trabalho doméstico informal é um desses mundos majoritariamente formado por mulheres.

As entrevistas com essas mulheres domésticas na informalidade, deixam as claras a realidade visível, mas ao tratarem de muitos aspectos das relações informais elas não se colocam na posição social do “subalterno”, do “subordinado”. O relacionamento com os patrões aparecem em seus discursos como de reciprocidade, mas não como de poder, ou seja, “nós precisamos deles, mas eles também precisam de nós.” Mas o corpo sente a demanda dessas relações e como destaca Borges, Pereira e Santos (2005), em certos ciclos de vida, o trabalho se torna extremamente intenso. Isso ocorre quando se combina o trabalho de fora de casa com os afazeres domésticos na sua própria casa.

Compreendemos também o que o trabalho, ou melhor, o ato de trabalhar significa e/ou representa para essas mulheres para além da questão e da necessidade econômica. Nas suas falas percebemos que o trabalho, mesmo que informal, lhes concedem uma determinada autonomia, uma liberdade. Todas as interlocutoras da pesquisa enfatizaram a importância da mulher estar inserida no mercado de trabalho. A dona Angela Maria, por exemplo, destacou que *“normalmente mulheres que ficam em casa não tem muito valor e nem o serviço da gente, porque eu já fiquei um tempo em casa também. Meu serviço não era valorizado, meu marido não me respeitava e você fica muito desvalorizada”*. (Angela Maria Borges de Oliveira. Entrevista realizada no dia 04 de fevereiro de 2018).

Quando essas mulheres falam sobre a representação do trabalho, elas não falam de qualquer trabalho, elas falam do trabalho que elas exercem que é doméstico e informal. Para elas esse trabalho assim como qualquer outro, as valorizam, lhes concede liberdade. Essas mulheres têm consciência do quanto estão vulneráveis estando inseridas no trabalho informal e o quanto a saúde reclama os esforços do corpo dedicados no trabalho doméstico, mas como a própria dona Angela Maria destacou, *“trabalho não mata ninguém”* e ainda complementou: *“É uma coisa que me fez sofrer muito, mas que me fez crescer muito como pessoa. Somos todas trabalhadoras em casa.”* (Angela Maria Borges de Oliveira. Entrevista realizada no dia 04 de fevereiro de 2018).

As entrevistas com essas personagens nos permitem afirmar que podemos aprender com o sul, com as experiências e com os agentes históricos marcados pela subalternidade. Essas mulheres existem dentro das relações do mundo do trabalho doméstico na posição do subordinado, mas essas relações que ocorrem no âmbito da informalidade, só adquirem sentido diante da figura delas que participam, usufruem e sofrem as consequências dessas relações, isso porque essas relações são vivenciadas por elas.

Referências e Fontes Orais

ALONSO, Leandro Seawright. **O corpus documental em história oral: teoria, experiência e transcrição.** Revista Observatório. Vol. 2 n° 1, Janeiro-Abril, 2016.

ANGELIN, Paulo Eduardo e TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patroas e adolescentes trabalhadoras domésticas: Relações de trabalho, gênero e classes sociais.** RBCS, vol. 30 n° 89, 2015.

BARROS, José D' Assunção. **Teoria e formação do historiador.** Revista Teias. v. 11 n. 23, 2010, p. 41-62.

BRITES, Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico.** Tese de doutorado: UFRS. Porto Alegre, 2000.

_____. (2003). Serviço doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões. Campo, 3: 65-82.

PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos e BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho.** São Luís – MA, 2005.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial.** E para além de um e do outro. Coimbra, 2004.

SANCHES, Daniel Pellegrin e BRANDÃO, Ludmila de Lima. **Abissalidades à contrapelo: o palhaço do circo sem futuro.** Goiânia, v. 13 n.1 p. 56-75, jan-jun 2015.

Fontes Orais

Angela Maria Borges de Oliveira. Entrevista realizada no dia 04 de fevereiro de 2018. Nasceu em Dourados, tem quarenta e sete anos, reside na mesma cidade e atualmente atua como empregada doméstica no mercado de trabalho formal. Ao longo da vida teve experiência desde a infância com o trabalho doméstico na informalidade. É separada e mãe de três filhos. Concluiu o Ensino Médio há pouco tempo.